

A CONSTRUÇÃO DA MENTE

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L988c
2. ed.

Luria, A. R., 1902-1977

A construção da mente / A. R. Luria. - 2. ed. - São Paulo : Ícone,, 2015.
240 p. : il. ; 21 cm.

ISBN 978-85-274-1280-3

1. Neuropsicologia. 2. Psicologia. I. Título.

14-18357

CDD: 612.8

CDU: 612.8

03/12/2014 03/12/2014

A. R. Luria

A CONSTRUÇÃO DA MENTE

Traduzido por
Marcelo Brandão Cipolla.

2ª edição

 **icone**
editora

© Copyright 2015, ícone Editora Ltda.

Produção
Telma L. Vidal

Capa
Suehy Danelon

Diagramação
Vladimir Araújo

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, sem permissão expressa do editor (Lei nº 9.610/98).

Todos os direitos reservados à
ÍCONE EDITORA LTDA.
Rua Javaés, 589 – Bom Retiro
CEP 01130-010 – São Paulo – SP
Tel./Fax.: (11) 3392-7771
www.iconeeditora.com.br
iconevendas@iconeeditora.com.br

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

O CONTEXTO HISTÓRICO	7
----------------------------	---

A CONSTRUÇÃO DA MENTE

1. APRENDIZADO	23
2. MOSCOU	33
3. VYGOTSKY.....	43
4. DIFERENÇAS CULTURAIS DE PENSAMENTO.....	63
5. DESENVOLVIMENTO MENTAL EM GÊMEOS.....	87
6. REGULAÇÃO VERBAL DO COMPORTAMENTO	111
7. DISTÚRBO DE FUNÇÕES CEREBRAIS	126
8. NEUROPSICOLOGIA DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.....	143
9. MECANISMOS DO CÉREBRO	161
10. CIÊNCIA ROMÂNTICA	179

EPÍLOGO

UM RETRATO DE LURIA.....	193
--------------------------	-----

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA.....	231
-------------------	-----

INTRODUÇÃO

O CONTEXTO HISTÓRICO

Logo após a virada deste século, o psicólogo alemão Hermann Ebbinghaus ponderou que a psicologia "tem um longo passado, mas uma história curta". Ebbinghaus se referia ao fato de que enquanto a teoria psicológica já existe há tanto tempo quanto o pensamento registrado, apenas um quarto de século havia se passado desde a fundação dos primeiros agrupamentos científicos que se denominavam conscientemente "laboratórios de psicologia". Até cerca de 1880, época enfocada por Ebbinghaus, a psicologia jamais havia sido considerada uma disciplina acadêmica independente; era antes uma faceta das ciências "humanas" e "morais", que eram, por sua vez, um ramo da filosofia e o passatempo amador de qualquer pessoa instruída.

Ainda que outros três quartos de século tenham se passado desde a observação de Ebbinghaus, a história da psicologia como ciência ainda é curta o suficiente para que um indivíduo a abarque toda, ou quase toda, ao longo de sua carreira. Esse indivíduo foi Alexander Romanovich Luria (1902-1977), nascido da segunda geração de psicólogos científicos, mas criado em circunstâncias tais que o envolveram com as questões básicas que haviam motivado os fundadores da disciplina.

A psicologia científica surgiu quase simultaneamente nos Estados Unidos, na Inglaterra, na Alemanha e na Rússia. Ainda que os compêndios dêem a Wilhelm Wundt o crédito pela fundação do primeiro laboratório experimental, em Leipzig, 1879, essa nova abordagem ao estudo da mente não era privilégio de qualquer indivíduo ou país. Quase à mesma época, William James encorajava seus es-

tudantes a realizarem experimentos, em Harvard; na Inglaterra, Francis Galton iniciava as aplicações pioneiras de testes de inteligência; e Vladimir Bekhterev, em Kazan, fundava um laboratório que explorou grande parte das questões que mais tarde predominariam na nova ciência. Mecanismos de aprendizagem, alcoolismo e psicopatologia eram alguns temas investigados no laboratório de Bekhterev, enquanto Luria se criava em Kazan.

Lançando um olhar histórico ao passado, é possível dividir-se a psicologia em eras, de acordo com as idéias dominantes de seus profissionais. No entanto, as mudanças que ocorreram nos primeiros anos deste século, e que em 1920 haviam tornado obsoleta a "nova psicologia" dos anos 1880 e 1890, não foram nem um pouco claras. A insatisfação pela psicologia dominante ainda não resultara numa oposição coerente, com um programa próprio definido. Se a situação já era confusa na Europa e nos Estados Unidos, era ainda mais turva na Rússia, onde a ciência labutava sob o peso da censura governamental, guiada por princípios religiosos conservadores e por uma política autocrática. Só em 1911 foi fundado na Universidade de Moscou o primeiro instituto de psicologia oficialmente reconhecido. Mas mesmo este passo à frente foi truncado pela escolha de um diretor cuja pesquisa baseava-se solidamente na teoria psicológica alemã dos anos 1880.

Nestas condições, um jovem russo que se interessasse por psicologia encontrar-se-ia em meio a uma curiosa distorção temporal. Caso se restringisse a ler em russo, suas idéias a respeito da matéria e do método da psicologia estariam defasadas. Os trabalhos importantes da Europa Ocidental só eram traduzidos na quantidade e nos temas que convinham à censura do Tzar. Devido à pouca literatura disponível na língua russa, a psicologia em Kazan em 1910 estava no mesmo estágio que a psicologia em Leipzig ou Wurzburg, uma geração antes.

Mas se um jovem russo soubesse ler alemão, teria acesso à produção mais recente, especialmente se sua família freqüentasse círculos intelectuais cujos membros fossem estudar na Alemanha. Era esse o caso da família Luria. Assim, desde muito cedo, o jovem Luria leu mais sobre a psicologia experimental contemporânea do que o permitiram as traduções russas. Talvez por seu pai ser um médico, interessado em medicina psicossomática, também os novos trabalhos de Freud e Jung na área da psiquiatria

chegaram às mãos de Lúria. A isto ele somou as idéias filosóficas e humanistas da tradição romântica alemã, em especial aqueles trabalhos que criticavam a psicologia de laboratório como havia sido proposta por Wundt e seus seguidores.

Assim, ainda que, por virtude de seu nascimento, Lúria pertencesse à segunda geração da psicologia, começou sua carreira envolvido com os problemas básicos que haviam ocupado seus fundadores, um quarto de século antes. Ao longo de seus sessenta anos de atividades na teoria e na pesquisa, Lúria nunca deixou de se ocupar desses problemas fundamentais. Constantemente buscou suas soluções, à luz dos novos conhecimentos acumulados à medida que cada geração de psicólogos operava transformações no material básico herdado de seus antecessores.

A amnésia generalizada que flagela a disciplina histórica da psicologia torna difícil a recuperação dos dilemas que confrontaram Lúria na sua juventude. Talvez encontre-se algum consolo na noção de que as idéias psicológicas da virada do século apresentam-se hoje tão obsoletas quanto os automóveis que eram fabricados naquela época. Mas a evolução da tecnologia material é uma péssima analogia para o progresso na psicologia científica. Existe uma analogia mais precisa, e que ocupa lugar honroso na história do pensamento russo do fim do século XIX e na literatura marxista dos séculos XIX e XX. Foi proporcionada por Lenin, que, a respeito do progresso nas ciências, observou que se tratava de "um desenvolvimento que repete os estágios já passados, mas os repete de maneira diferente, num plano superior... um desenvolvimento, por assim dizer, em espirais, não em linha reta" (Lenin, 1934, p. 14).

Quando Lúria contemplou a paisagem intelectual circundante, no começo de sua carreira, a espiral da psicologia encontrava-se num estado de disputa. A grande discordância que dividia os acadêmicos encontrava sua expressão em diversos argumentos aparentemente independentes. Primeiramente, discutia-se se a psicologia poderia ou não ser uma ciência objetiva e experimental.

O elemento "novo" da "nova psicologia" de 1880 foi a experimentação. Havia pouca inovação nas teorias e categorias psicológicas propostas por Wundt, cujos principais conceitos poderiam ser encontrados, passando pelos filósofos empíricos, como Locke, até em Aristóteles. Wundt, como os filósofos inclinados à psicologia que o precede-

ram, tomava como mecanismo básico da mente a associação de idéias, que surgem do ambiente na forma de sensações elementares. A inovação de Wundt foi ter declarado que poderia verificar essas teorias, baseado em observações controladas levadas a termo em experimentos de laboratório cuidadosamente programados. A introspecção subsistia como parte essencial de seus métodos – mas tratava-se já de uma introspecção "científica", que poderia produzir as leis gerais da mente, e não de uma especulação diletante.

As colocações teóricas específicas de Wundt não deixaram de ser desafiadas. Encontraram oposição, dentro da nova psicologia, da parte de uma série de eruditos, cujas pesquisas suscitaram a construção de teorias alternativas para a explicação dos eventos mentais. As discordâncias freqüentemente centravam-se num questionamento da validade dos relatos subjetivos e grandes controvérsias eram geradas sobre os assuntos mais prosaicos. Finalmente, o fracasso na resolução destas questões e a suspeita de que elas fossem insolúveis em princípio, por referirem-se a relatos individuais e interiores e não a eventos sujeitos à observação não-tendenciosa, trouxeram a termo esta primeira era da psicologia científica.

Muitas discussões sobre este período (*e.g.* Boring, 1925-1950) escamoteiam o fato de que os debates científicos entre Wundt e seus críticos faziam parte de uma discussão mais ampla, que questionava a validade da experimentação em si. Enquanto Wundt e seus seguidores acumulavam fatos e prestígio para sua ciência nascente, os cééticos lamentavam a perda dos fenômenos que haviam originalmente tornado a mente humana um importante tópico de estudo. Esta crítica foi elegantemente capturada por Henri Bergson, ao citar a frase de Shakespeare: "Assassinamos para dissecar". Ou, mais tarde, as escolhas colocadas por G. S. Brett: "Um caminho levará a uma psicologia científica, mas artificial; o outro levará a uma psicologia natural, mas que não pode ser científica, sendo, no fim, uma arte" (Brett, 1930, p. 54).

A objeção colocada à experimentação por seus críticos era que a restrição da psicologia ao laboratório automaticamente restringiria os fenômenos mentais que se pretendia investigar. A vida é algo mais que as sensações elementares e suas associações; e o pensamento é algo mais do que aquilo que pode ser inferido dos experimentos

que medem o tempo de reação. Mas, aparentemente, só esses fenômenos elementares seriam passíveis de investigação em laboratório. Wundt não reagiu às críticas com indiferença. Reconheceu que o método experimental tinha seus limites, mas decidiu confrontar seus oponentes fazendo uma distinção entre funções psicológicas elementares e superiores. A psicologia experimental seria a conduta correta para o estudo dos fenômenos psicológicos elementares, ao passo que as funções superiores não poderiam ser estudadas experimentalmente. Na verdade, provavelmente não haveria possibilidade de averiguar-se, por qualquer meio, o processo funcional da psicologia superior. No máximo, seria possível estudarem-se os produtos das funções superiores, pela catalogação de artefatos culturais e do folclore. E Wundt de fato entregou o estudo das funções psicológicas superiores à disciplina da antropologia, como a conhecia. Dedicou muitos anos a essa tarefa, que denominou *Volkerpsychologie*.

A escolha básica entre métodos experimentais e não-experimentais foi central para Lúria no começo de sua carreira, mas ele não se ligou a qualquer uma das opções prontas que lhe confrontaram. Por todos os lados via formulações tendenciosas, nenhuma das quais lhe satisfazia. A exemplo de Wundt, Bekhterev, e outros, acreditava firmemente na necessidade da experimentação; mas também simpatizava com os críticos de Wundt, em especial com Wilhelm Dilthey, que havia buscado a reconciliação entre as simplificações acarretadas pelo enfoque experimental de Wundt e as análises humanistas de ações e emoções humanas complexas. Dilthey, com o tempo, perdeu as esperanças, respeitando a experimentação como uma forma para os estudos dos processos psicológicos humanos. Lúria, pouco dado ao desespero, tomou outro caminho. Buscou um novo método que, sintético, reconciliava a arte e a ciência, descrição e explicação. Afastaria a artificialidade do laboratório, mantendo seu rigor analítico. Tendo feito sua escolha, defrontou-se com uma série de novas opções, relacionadas ao método e à teoria, que tornariam possível sua tentativa de síntese científica.

Como muitos dos psicólogos que o antecederam, Lúria acreditava que um entendimento completo da mente teria que incluir visões do conhecimento das pessoas a respeito do mundo, e das motivações que fornecem energia à aplicação desse conhecimento. A importância estava em

conhecer os processos básicos de obtenção de conhecimento, e as regras que descrevem a mudança. O conceito de mudança, para Lúria, referia-se aos novos sistemas em que os processos básicos poderiam se organizar. Sua tarefa, gigantesca, e até hoje irrealizada por qualquer teoria psicológica, era tentar elaborar uma estrutura geral e um conjunto de mecanismos específicos, para descrever e explicar todos os sistemas de comportamento que surgem a partir da atividade dos inúmeros subsistemas que compõem o indivíduo vivo.

A partir dessa caracterização global da mente humana, Lúria teve que verificar quais dos métodos experimentais existentes poderiam embasar sua abordagem, evitando o vazio da palavra pura. Na arena do conhecimento, as principais técnicas eram elaborações da noção básica de que as estruturas das idéias poderia ser identificada à estrutura de suas associações. Laboratórios alemães haviam passado a usar cronômetros mecânicos, dos quais se esperava uma medida temporal precisa das associações mentais. Esta tecnologia havia avançado ao ponto de muitos pesquisadores acreditarem na possibilidade de registrarem o tempo necessário para a ocorrência de diferentes tipos de eventos mentais. Os debates centravam-se na definição das unidades de atividade mental, e perguntava-se, se o que estava sendo "medido" eram elementos ou atos mentais.

Simultaneamente, eruditos com orientação médica, como Jung e Freud, usavam as respostas associativas com um propósito bem diferente. Mesmo reconhecendo que as associações de palavras davam pistas das relações entre idéias, não estavam interessados num mapeamento dos sistemas conscientes de conhecimento, ou na cronometragem das respostas associativas, mas no aproveitamento das associações para a descoberta de informação desconhecida pelo paciente. Ainda mais importante era a possibilidade de as associações de palavras informarem a respeito dos motivos ocultos à consciência que estariam fornecendo energia a um determinado comportamento, de outra maneira inexplicável.

Nessas diferentes abordagens ao método de associação de palavras – uma experimental e outra clínica – Lúria entreviu a possibilidade de enriquecer o estudo do conhecimento e da motivação, que ele acreditava estarem inextricavelmente combinados em qualquer processo psicológi-

co. Seus esforços para a criação de uma psicologia unificada da mente representaram, desde o começo, o tema central de seu trabalho. Sua disposição em trabalhar com os conceitos de motivação, como expostos pela escola psicanalítica, poderia tê-lo colocado à margem da psicologia acadêmica, mas isso não aconteceu, por uma série de razões. Primeiro, Luria estava comprometido com o método experimental. Outro fato igualmente importante era sua confiança no uso de fatos objetivos como a base da teorização.

Quando muitos psicólogos passaram a exigir não só que o comportamento observável representasse a matéria básica da psicologia, mas também que as teorias psicológicas apelassem a eventos não-observáveis, Luria colocou sua objeção. Antecipando uma posição tomada por Edward Tolman muitos anos depois, Luria tratava a consciência e o inconsciente como variáveis interpostas, isto é, como conceitos que organizavam os padrões de comportamento obtido.

Outro tópico que confrontava os psicólogos na virada do século era sua atitude em relação ao conhecimento "mais básico" que despontava na fisiologia, na neurologia e na anatomia, uma área hoje conhecida como "neurociências". As grandes conquistas da biologia e da fisiologia no século XIX haviam tornado impossível ignorar as importantes ligações entre o sistema nervoso central e os fenômenos mentais que eram o tema central dos psicólogos. Mas a questão colocada era se a psicologia deveria se restringir aos fenômenos descobertos nos laboratórios de fisiologia. Aqui as opiniões dividiam-se em duas correntes importantes.

Muitos psicólogos rejeitaram, por uma questão de princípios, que a mente pudesse ser reduzida à "matéria em movimento", e que essa matéria pudesse ser estudada no laboratório do fisiologista. De acordo com esta visão, a mente deveria ser estudada introspectivamente, usando a si mesma como ferramenta de investigação. No extremo oposto, alguns cientistas afirmaram que a psicologia não era mais que um ramo da fisiologia, que proporcionaria uma teoria unificada do comportamento. Esta posição foi assumida pelo fisiologista russo I. M. Sechenov, cujo *Reflexos do cérebro* continha um programa explícito que explicava os fenômenos mentais como elos centrais do arco reflexo.

Entre essas posições extremas, muitos psicólogos, Lúria inclusive, acreditavam num desenvolvimento da psicologia que fosse coerente com as neurociências, sem depender delas integralmente. Eles aceitavam a noção de que os fenômenos psicológicos, como parte do mundo natural, estão sujeitos às leis da natureza. Mas não aceitavam necessariamente como corretos qualquer um dos modelos que se propunham a explicar a ligação entre o cérebro e os processos psicológicos, em especial os processos complexos. Assim, a psicologia deveria prosseguir sozinha, com um olho na fisiologia. Lúria incluiu-se entre alguns poucos psicólogos que buscaram a expansão das áreas de coerência entre as duas disciplinas, confrontando deliberadamente os fatos e teorias da psicologia e das neurociências. Quarenta anos depois de ter iniciado essas atividades, um novo ramo, híbrido, da psicologia e das neurociências, chamado "neuropsicologia", ganhou reconhecimento como disciplina científica.

Outra divisão básica da psicologia estava relacionada a como os psicólogos viam os "tijolos" básicos da construção da mente. Um grupo, associado a nomes como Wundt, E. B. Titchener, John Watson e Clark Hull, procurava identificar os elementos básicos do comportamento como sendo sensações que, combinadas segundo as leis de associação, construiriam idéias elementares ou hábitos. Outro grupo, no qual podemos incluir Franz Brentano, William James e os psicólogos da Gestalt, resistiria a esse "elementarismo". Suas análises sugeriam que os processos psicológicos básicos sempre refletiam propriedades de organização que não poderiam ser descobertas nos elementos isolados. Essa idéia era expressa por termos como "corrente da consciência", "inferência inconsciente", e "propriedades do todo". A essência dessa posição era que a redução da mente a seus elementos destruía as propriedades do organismo vivo e intacto, propriedades essas que não poderiam ser recuperadas uma vez operada a redução.

Nessa controvérsia, Lúria colocou-se claramente contra os elementaristas, mas sua insistência em que as unidades básicas de análise retivessem suas propriedades emergentes não se reduziam aos argumentos e fenômenos então explorados pelos psicólogos da Gestalt. Lúria desde cedo fez questão de afirmar que as unidades básicas de análise psicológica eram funções, cada uma das quais rep-

representativa de um sistema de atos elementares que controlavam as relações entre o organismo e o meio.

Inserido num meio intelectual constituído por uma série de opções excludentes e pretensas reivindicações de legitimidade científica, Lúria não pode ser ligado a qualquer uma das correntes então em voga. Em relação a cada uma das questões sistemáticas então colocadas à psicologia, Lúria tomou posições claras, escolhidas do mesmo leque de possibilidades assumido por seus contemporâneos, mas a combinação de suas escolhas formou um padrão único, singular, que ao mesmo tempo o ligava e o diferenciava das principais correntes psicológicas do princípio da década de 20.

O novo amálgama que Lúria desenvolveu com a colaboração de Lev Vygotsky conservou-se diferenciado até 1960. O interesse de Lúria no papel da motivação na organização do comportamento, sua disposição de falar de "complexos ocultos", o uso que fazia das técnicas de livre associação (ainda que conjugadas à cronometragem do tempo de reação), e sua promoção das idéias psicanalíticas nos tentam a classificá-lo como um freudiano experimental primitivo. Mas mesmo seus primeiros textos sobre o tema já desbancariam esse rótulo. Seu interesse primeiro não era a descoberta da natureza inconsciente, e o grande valor que conferia ao meio social como determinante do comportamento individual humano o deixava pouco à vontade com o enfoque biologizante que Freud dava à mente.

Desde o começo, Lúria defendeu cuidadosamente uma metodologia segundo a qual os dados objetivos – como respostas verbais, movimentos, ou indicadores psicológicos – eram, na psicologia, os únicos dados aceitáveis. Isto bastaria para classificá-lo entre os behavioristas, não fosse sua disposição em falar dos estados não-observáveis da mente, e sua insistência no uso dos indicadores objetivos como portadores de informações sobre esses estados. Sua classificação entre os behavioristas também seria dificultada pela forte relação existente entre o behaviorismo primitivo e a teoria dos reflexos, ou de estímulo-resposta. Para Lúria, a associação de palavras era uma ferramenta extremamente útil no desvendar do funcionamento de um sistema psicológico complexo, mas ele nunca aceitou a noção de que as associações de idéias, ou de estímulos e res-

postas, representassem uma teoria do funcionamento da mente.

Ele não era favorável à identificação entre a teoria de estímulo-resposta e a teoria da "central telefônica", que comparava o papel do sistema nervoso central na organização do comportamento ao de uma gigantesca mesa de distribuição elétrica. Observou, com repugnância, que "seria um trabalho muito interessante o acompanhamento da história completa das analogias na ciência natural do século vinte... daqueles modelos que são aceitos como uma base para a formulação de idéias acerca das formas e mecanismos da atividade vital humana. Esta história revelaria alguns princípios de pensamento extremamente ingênuos... Esta tendência de introdução de conceitos simplistas, explicando o sistema nervoso com base em analogias com coisas artificiais, é mais comum no estudo do comportamento do que qualquer outro lugar" (Luria, 1932, p. 4). No lugar da central telefônica, Luria sugeriu um sistema organizado de forma dinâmica, composto por diversos subsistemas, cada um dos quais contribuindo para a organização do todo. Na década de vinte, isto poderia ser entendido como uma versão de psicologia da Gestalt, mas os psicólogos cognitivos não foram pegos de surpresa quando, mais de trinta anos depois, Luria acolheu o *Planos e a Estrutura de Comportamento*, de Miller, Galanter e Pribram – um esforço pioneiro da aplicação da análise de sistemas computacionais à psicologia – como um trabalho semelhante ao seu no que tocava à crítica às limitações da teoria de estímulo-resposta, e como uma analogia mecânica que, apesar de suas próprias limitações, começava a aproximar-se da sua concepção dos sistemas humanos.

Seria também possível classificar Luria como um psicólogo fisiologista, devido ao seu contínuo interesse pelas bases cerebrais do comportamento, mas, para ele, o estudo do cérebro, isoladamente nunca revelaria como o comportamento é organizado. Luria sempre teve em mente que as propriedades do sistema integral não poderiam ser obtidas de maneira confiável a partir de um estudo da operação isolada de suas partes. O cérebro fazia parte de um sistema biológico maior, e mais, de um sistema ambiental circundante, no qual a organização social era uma força importantíssima. Consequentemente, uma teoria psicológica do organismo intacto, que preservasse, no estudo, sua história de interações com o meio e suas tarefas, era um

complemento necessário da investigação fisiológica ou anatômica pura.

Esse conjunto de princípios, já encontrados nos textos que Luria escreveu na década de vinte, constroem a imagem de um psicólogo prematuramente moderno, cuja vida começou antes que suas idéias encontrassem confirmação na tecnologia e nos dados disponíveis. Mas não é possível, ou apropriado, classificar as idéias de Luria nos termos puramente psicológicos ou neurofisiológicos. Sua carreira também foi moldada, desde o princípio, pelo fato de ele ser um intelectual russo, ativamente envolvido na construção da psicologia e da ciência soviéticas.

A partir da Revolução soviética, pelo tempo aproximado de uma década, houve muita experimentação e improvisação na condução da ciência, da educação e da política econômica soviéticas. Muito menos conhecidas que as lutas políticas que se sucederam à morte de Lenin são as experimentações com novos padrões escolares, agricultura de mercado livre, modernos meios de expressão nas artes e novos ramos da ciência. Durante a década de vinte, praticamente todos os movimentos psicológicos existentes na Europa Ocidental e nos Estados Unidos encontraram adeptos na União Soviética. Talvez pelo fato de a psicologia, como disciplina acadêmica, encontrar-se num estado embrionário no ocaso da era dos czares, havendo um único instituto dedicado ao que se entendia então como psicologia, era muito grande a variedade de pontos de vista e de atividades que competiam pelo direito de determinar os padrões da nova psicologia soviética. Educadores, médicos, psiquiatras, psicanalistas, neurologistas e fisiologistas realizavam com frequência reuniões nacionais para a discussão da pesquisa e da teoria.

No decorrer da década, três tópicos principais passaram a dominar essas discussões. Em primeiro lugar, havia a crescente ênfase em que a psicologia soviética se assumisse conscientemente como marxista. Ninguém sabia exatamente o que isso significava, mas todos contribuíam na discussão com suas próprias propostas. Em segundo lugar, vinha a necessidade de a psicologia ser uma disciplina materialista; todos os psicólogos seriam obrigados a buscar as bases materiais da mente. E em terceiro lugar, a psicologia deveria ter um papel relevante na construção de uma sociedade socialista. A exortação de Lenin para que a teoria fosse posta a teste na prática era uma questão ur-

gente, tanto na economia quanto na sociedade. Ao final da década de vinte, a discussão havia chegado a um ponto em que havia concordância em torno de certos princípios gerais, mas as principais conclusões não indicavam qualquer abordagem científica como modelo para as demais. Simultaneamente, com o advento da rápida coletivização da agricultura, e com a aceleração crescente do desenvolvimento industrial pesado, o país passava por novas agitações sociais e econômicas. As escolas psicológicas não supriam as demandas sociais de contribuições práticas nesses setores.

Uma reorganização deliberada da pesquisa psicológica ocorreu em meados da década de trinta, como resultado das deficiências ideológicas e de desempenho. A nível particular, os eventos relacionados com essa reorganização surgiram da insatisfação advinda do uso de testes psicológicos na educação e na indústria, mas o resultado geral foi um declínio da autoridade e do prestígio da psicologia como um todo.

Durante a Segunda Guerra, muitos psicólogos, Luria entre eles, concentraram seus esforços na reabilitação dos feridos. A psicologia educacional e a médica se mesclavam livremente, face à devastação provocada pela guerra moderna. Estes mesmos tópicos continuaram prevalentes na psicologia soviética do pós-guerra, no período da reconstrução. A psicologia enquanto disciplina independente permaneceu em hibernação, e a pesquisa psicológica era tratada, de uma maneira geral, como um segmento particular de outros empreendimentos científicos.

O interesse pela psicologia foi renovado no final dos anos quarenta com a atenção focalizada no trabalho do conhecido fisiologista russo Ivan Pavlov. Muitos americanos conhecem Pavlov como um psicólogo, talvez porque seus métodos para o estudo dos reflexos condicionados foram adotados pela psicologia americana dos anos vinte aos sessenta como uma metodologia-chave e um modelo teórico, mas Pavlov negou uma associação com a psicologia pela maior parte de sua vida. Os psicólogos soviéticos retribuíram-lhe a gentileza: estavam muito dispostos a reconhecer a preeminência de Pavlov no estudo da base material da mente; mas reservavam para si o campo dos fenômenos psicológicos, em particular aqueles relacionados à "psicologia superior", como a memória e a atenção voluntária, e a solução de problemas lógicos.

Como neste país, muitos fisiologistas soviéticos que estudavam as relações entre o cérebro e o comportamento viam com desgosto essa divisão de trabalho científico. Na verdade, consideravam a psicologia completamente científica. Quando tiveram oportunidade, essas pessoas, muitas das quais eram estudantes de Pavlov, se deliciaram em fazer do estudo da "atividade nervosa superior" um modelo a ser seguido pela psicologia. Após uma série extraordinária de reuniões, levadas a termo sobre os auspícios da Academia de Ciências Médicas em 1950, os psicólogos passaram a dedicar mais energia e atenção à aplicação de conceitos e das técnicas de Pavlov ao seu trabalho. Importância especial foi conferida às idéias de Pavlov sobre a linguagem, que era, é claro, uma área de interesse dos psicólogos.

No último quarto de século, a psicologia soviética cresceu muito em grandeza e prestígio. Avanços importantes da ciência ocidental, em particular o estudo do funcionamento do cérebro e a tecnologia dos computadores, foram adotados pela ciência soviética, tendo se tornado parte do *corpus* científico autóctone. A psicologia, além de estabelecer sua reputação como uma disciplina científica independente, foi incluída entre as disciplinas que integram a prestigiada Academia Nacional de Ciências.

Ao longo das primeiras seis décadas da psicologia soviética, Alexander Luria trabalhou para torná-la mais próxima do sonho de seus fundadores: um estudo marxista do homem, a serviço do povo de uma sociedade democrática e socialista. Na busca desse objetivo, Luria viveu experiências pioneiras no contato com problemas e *insights* acumulados pela psicologia em todo o mundo, desde o seu princípio, há cem anos atrás. Seu trabalho é um monumento à tradição intelectual e humanista, ápice da cultura humana, que ele buscou entender e aperfeiçoar.